Da linha de fogo às salas de faculdade

Policiais voltam a estudar, de olho na carreira e no mercado

Rodrigo Brancatelli
Alexandre Rodrigues

O desconforto com a mesinha é aparente. Lápis e cadernos teimam em cair no chão, os braços não cabem direito no apoio de madeira, as costas doem e aquele bendito assento de plástico é muito apertado. "Acho até engraçado, um bando de marmanjos, delicados como elefantes, tentando voltar à época da escola", diz Walter Joaquim Tadeu Coelho, de 42 anos, soldado da Polícia Militar e um dos calouros da Universidade Bandeirante de São Paulo (Uniban). Acostumados à linha de fogo entre a população e a criminalidade e à rotina de correria e violência, guardas civis, militares, bombeiros e policiais como Coelho estão encarando apostilas universitárias, quadros negros e cadeiras desconfortáveis.

Em 2004, começaram a pipocar nas faculdades do País cursos de extensão, pós-graduação e MBA voltados à área de segurança – tanto pública quanto privada. O motivo, claro, é o aumento da violência. Sem soluções mirabolantes à vista, o assunto se tornou importante demais para ficar restrito às academias de polícia. No fim do ano passado, o Ministério da Justiça chegou a credenciar 22 instituições de ensino para abrirem 1.600 vagas de pós-graduação em Segurança Pública. Metade delas é gratuita, voltada só a policiais.

No Rio, pelo menos quatro universidades têm entre seus alunos agentes de segurança pública, duas delas credenciadas no programa do Ministério da Justiça. Em São Paulo, elas também são quatro. A única paulista cadastrada é a Pontifícia Universidade Católica (PUC), que abriu a primeira turma do curso lato sensu em janeiro para 50 estudantes – sendo que entre eles há de guardas a delegados e investigadores. O currículo abrange noções de Direito, Sociologia, Direitos Humanos e discussões sobre políticas públicas.

"É aquela velha história: como o Estado oferece apenas formação precária, as universidades particulares tomaram a dianteira para suprir essa deficiência", diz o antropólogo paranaense José Guilherme Magnani, coordenador do Núcleo de Antropologia Urbana da USP. "Existe uma demanda muito grande por especialistas em segurança, seja no âmbito público ou em empresas privadas. A visibilidade da violência nos dias de hoje e a ausência do governo criou um negócio dos mais lucrativos."

Coelho não entrava numa sala de aula havia mais de duas décadas. Até pescou do fundo do armário um terno e gravata para fazer bonito na frente da classe. "Os tempos são outros, e o ensino também precisa ser outro", diz ele, que entrou na pós-graduação em Segurança Empresarial da Uniban no começo de ano.

A Anhembi Morumbi, na zona sul, também oferece MBA em Gestão da Segurança Empresarial. Por volta de 30% dos 42 alunos são policiais, que pagam R$ 798 por mês. Quanto mais cursos, maior a demanda por professores. "Não há nem pessoal especializado no assunto o suficiente para preencher esse vazio", diz a secretária de Defesa Social de Diadema, Regina Miki, que ajudou a criar um projeto que reduziu em 75% o número de homicídios no município. Este ano, Regina também dará aulas no curso de pós-graduação em Gestão de Segurança Pública da Fundação Santo André. ●

Nas aulas, ética e cidadania

...Nos currículos de pós-graduação em Segurança Pública estão temas como cidadania, democracia, meio ambiente, pobreza, discriminação, ética, mídia, cultura. Nos anos 1990, a agente da Polícia Rodoviária Federal (PRF) Marisa Dreys, de 39 anos, fez curso de Direitos Humanos na Universidade Candido Mendes, onde era a única policial da turma. Em seguida, fez curso de extensão da Uerj. Disposta a dividir o que aprendeu, ofereceu-se para instruir colegas. Em dois anos, viajou o País e treinou mais de 500 agentes da PRF. Descobriu que a maioria chega à corporação sem noção do que significam palavras como cidadania ou democracia, parâmetros que têm missão de defender. Bacharel em Direito, ela voltou à faculdade para cursar Pedagogia. Na UFF, matriculou-se em Gestão de Segurança e passou no mestrado em Antropologia. "Sempre fui uma policial operacional, campeã de tiro, não me faltava a técnica. Eu não encontrava espaço era para reflexão." ● A.R.

ALAOR FILHO/AE

CARREIRA – Policial rodoviária, Marisa Dreys, de 39 anos, cursa pós-graduação para melhorar currículo

Em crise, segurança no Rio inspira pós-graduação e MBA

Para coordenador do curso da Estácio de Sá (RJ), os problemas de segurança escapam à estrutura policial

RIO

No Rio, cada vez mais policiais passam pelas salas de aula para unir suas experiências ao método acadêmico. A Universidade Estácio de Sá está instruindo 50 policiais – militares, civis e federais, agentes penitenciários e guardas municipais – na pós-graduação em Políticas e Gestão em Segurança Pública. A Universidade Cândido Mendes abre inscrições para um MBA em Segurança Pública. A Universidade Federal Fluminense (UFF) possui o primeiro curso de pós-graduação nessa área do Rio. Já a Universidade do Estado do Rio (Uerj) mantém, desde o fim dos anos 90, um curso em Gestão de Segurança Pública.

Para o historiador Marcos Bretas, coordenador de um dos módulos do curso da Estácio, a busca de soluções para a polícia revela a falência da política de enfrentamento da criminalidade. "A segurança pública não está dando respostas", diz. "A polícia agiu durante muito tempo de uma forma única. O que está visível é que não está dando certo." A primeira turma da Estácio conta com bolsas da Secretaria Nacional de Segurança Pública, mas o sucesso levou à abertura de três novas turmas. "O que a gente faz é chamar a atenção para o fato de que os problemas que na ponta são relacionados à segurança escapam da estrutura policial. Hoje, quem trata de segurança precisa ir além disso."

O curso de Especialização em Políticas Públicas de Justiça Criminal e Segurança Pública da UFF virou referência na área e se tornou parte obrigatória para a conclusão do curso superior de polícia para oficiais da PM. Desde 2000, cerca de 500 policiais passaram pelas aulas. Delegados também participam.

O antropólogo Roberto Kant de Lima, coordenador do curso da UFF, lembra que a chegada dos policiais foi vista com desconfiança. Professores e alunos de outros centros não gostaram de dividir espaço com uma categoria identificada com o autoritarismo. Mas Kant fez dos policiais, alunos. E criou regras como a proibição do uso de farda. "Aqui são todos alunos. Uma sociedade democrática precisa de uma polícia, e boa. Ditadura não precisa de polícia", diz o antropólogo. Apesar dos resultados, Kant não abriu inscrições para a turma deste ano. O governo do Estado não renovou contrato com a instituição para instrução dos PMs.

O mesmo ocorreu com o curso de Gestão em Segurança Pública e Justiça Criminal, que formou duas turmas em 2006, misturando juízes, promotores, policiais e guardas municipais. O curso, financiado pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos, foi cortado do orçamento. "Disseram que não é prioridade. Se formar policiais não é prioridade nesse País, não sei o que é", reclama Kant, que conseguiu juntar recursos para uma terceira turma. "Temos até desembargadores matriculados". ● A.R.

Segurança privada serve de estímulo à especialização

De olho no futuro e numa aposentadoria mais próspera e tranqüila, policiais também voltam à universidade pensando em tirar uma casquinha de um mercado bilionário. As empresas de segurança privada, que faturaram R$ 12 bilhões no ano passado no Estado de São Paulo, devem crescer 20% neste ano só na capital paulista, segundo o Sindicato das Empresas de Segurança Privada.

O sindicato exibe em seu site cerca de 150 empresas de segurança privada, que constituem apenas um dos vários outros filões do setor.

No outro lado da balança, onde se leva em conta o medo da população, os números também mostram a necessidade de se criar novos artifícios contra a criminalidade. Uma pesquisa da Fundação Seade e da Secretaria de Estado de Segurança Pública, realizada no final do ano passado, mostra que 42,5% dos entrevistados consideravam São Paulo insegura ou muito insegura.

Daqui a apenas mais dois anos, o soldado da PM Walter Joaquim Tadeu Coelho, de 42 anos, e hoje calouro da Uniban, terá de se aposentar. O medo cada vez mais próximo de ficar sem trabalho foi justamente o que obrigou Coelho a voltar aos estudos.

"A necessidade por mais segurança é gritante, o que acabou criando essa nova fatia de mercado", conta. "Eu mesmo já fiz bico de vigia por aí quando era mais novo, mas agora quero me especializar para poder ter uma perspectiva melhor de salário", explica o policial.

'Já fiz bico mas agora quero me especializar', diz policial

Outros recorrem à universidade porque querem agregar valor à profissão. Caso do tenente-coronel PM Ivanir Linhares, de 39 anos, que começou a subir na carreira depois de passar pela universidade.

O conhecimento na área de gestão de segurança assimilado nos dois cursos de especialização que fez na Universidade Federal Fluminense, em 2005, o levou a postos de comando na Polícia Militar. Recentemente, ele aceitou o desafio de comandar a Guarda Municipal de São Gonçalo, na região metropolitana do Rio, para aplicar os conceitos de segurança social municipal que adquiriu no ambiente acadêmico.

"No curso, ganhamos uma outra visão e paramos para ouvir o pensamento de outras pessoas. Antes, tinha aquela mentalidade bélica. Hoje, vejo que cada caso é um caso. Em muitos lugares não é só o uso da polícia que pode reduzir os índices de criminalidade", diz Linhares, que criou um convênio para que os guardas que comanda também freqüentem a Universidade Federal Fluminense.

O policial já está de volta à academia. Iniciou no fim do ano passado especialização da Universidade Estácio de Sá. ●

R.B e R.B.

Fonte: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 26 mar. 2007. Cidades/Metropole, p. C3.